

# bio grafias mas



SANTOS

0:1

RIO GRANDE.

FELIZ

Beijos

PEGUE

EMBORA

NUNCA

+

REALIZAÇÃO

lúdica

sesc

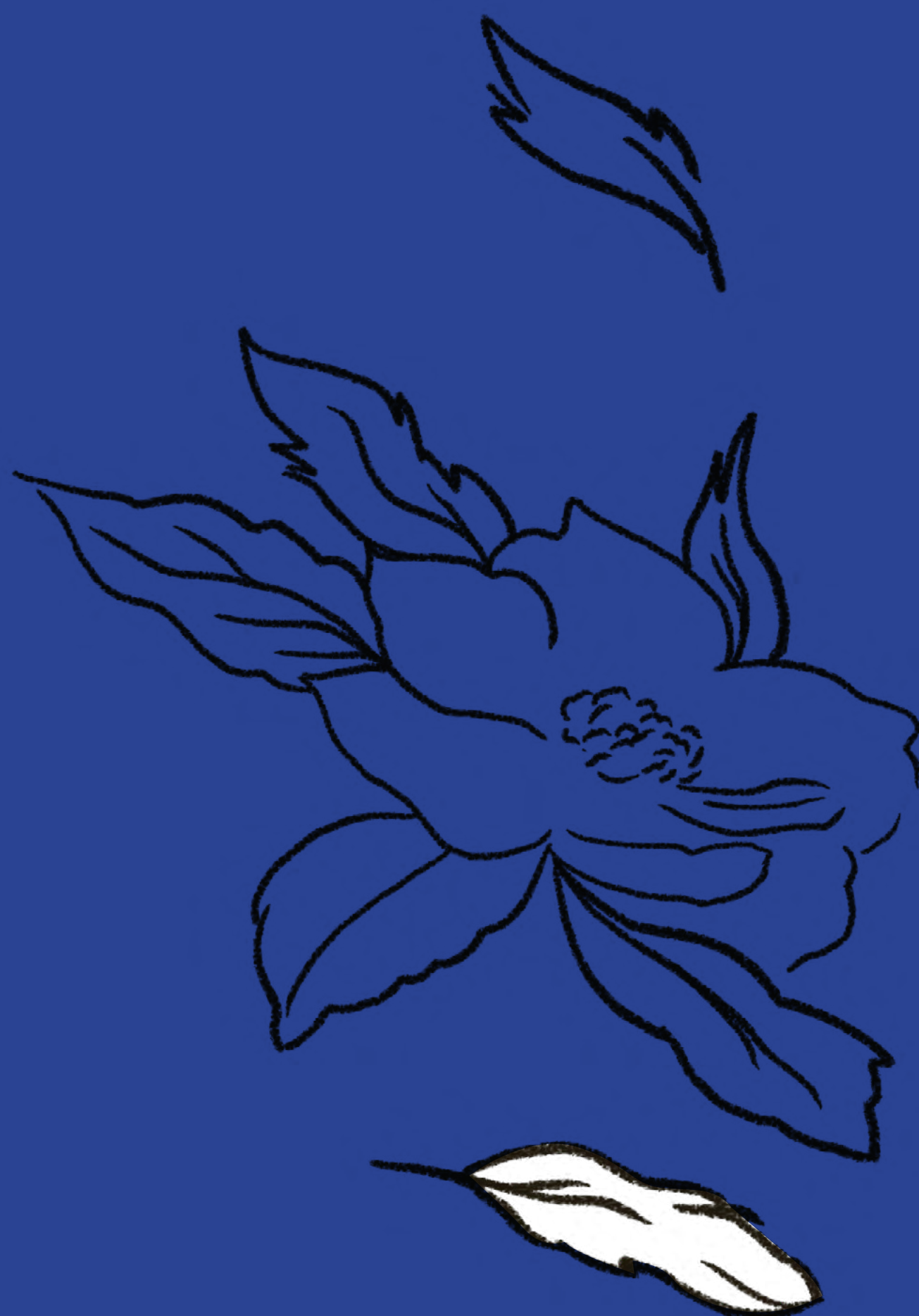
SESC<sup>RJ</sup>  
PUL  
SAR

PRODUÇÃO

artesanaria

PLURAL

curadoria - produção - pesquisa



O biografema,  
ou como suster  
certo zelo do  
olhar

Às vezes, a vida é assim, inevitável. Há quem diga que sempre é dessa forma. Inevitável também o fato de que escrevo esta apresentação em Porto Alegre – cidade que me acolhe há mais de quatro décadas –, com o olhar bipartido entre o brilho da tela do computador e o esfumaçado horizonte que se revela além da minha janela. A fotografia não é das melhores. Vivemos dias impossíveis, com ruas, bairros e cidades literalmente submersas pelo vigor das águas e pela ação direta do homem em seu antropoceno. São dezenas de milhares de vidas frontalmente atingidas, isto, sem falar daquelas que sucumbiram ou desapareceram em meio aos destroços que começam vir à tona. Assim como a pandemia, são acontecimentos que inquietam, interrompem e silenciam histórias de pessoas, famílias, bairros e cidades compondo uma triste biografia. Inevitável retornar a uma pergunta que me acompanha desde os tempos de doutorado: o que conseguimos, enfim, dizer de uma vida?<sup>1</sup>

Na toada de tal pergunta, apresento a exposição Biografemas, um compósito de obras de doze artistas de diferentes regiões do país. Por meio da curadoria de Amanda Leite e de Raquel Gandra, vemo-nos engajados a uma certa partilha do olhar, colocando em questão os múltiplos acessos ao que chamamos de “nossas histórias”. Bem antes da psicanálise, os povos originários já compreendiam a vida como experiência indivisível e ao mesmo tempo solidária. Enquanto seres ditos “humanos”, somos nada mais que um conjunto inesgotável de vidas que atendem pela fragilidade de um nome próprio. Quando nos referimos à vida de algo ou de alguém, é a este conjunto que nos referimos. Mas como dizer ou expressar uma vida pelo viés da multiplicidade, sem que sejamos cooptados pelo desejo de totalidade?

Em 1979, o escritor francês Roland Barthes toma para si uma dolorosa tarefa: vasculhar álbuns de fotografias para tentar “reencontrar” sua mãe recentemente falecida. “Ao sabor dessas fotos, às vezes eu reconhecia uma região de sua face, tal relação do nariz e da testa, o movimento de seus braços, de suas mãos. Eu sempre a reconhecia apenas por pedaços”.<sup>2</sup> Na impossibilidade de acessar ou de produzir uma representação que dê conta do todo de uma vida, resta-nos, então, habitar as lascas, os nacos de espaço-tempo a que chamamos de memória. Lembro de uma passagem de Haroldo de Campos em seu inclassicável **Galáxias**:

1 COSTA, L. B. O destino não pode esperar ou o que dizer de uma vida. In: *Vidas do Fora: habitantes do Silêncio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

2 BARTHES, R. *Câmara clara: notas sobre a fotografia*. São Paulo: Nova Fronteira, 2022.

[...] tudo depende da glória tudo depende de embora e nada e néris e reles e nemnada de nada e nures de néris de reles de ralo de raro e nacos de necas e nanjas de nullus e nures de nenhures e nesgas de nulla res e nenhumzinho de nemnada nunca pode ser tudo pode ser todo pode ser total.<sup>3</sup>

É neste ponto que chego ao *biografema*, noção cunhada por Roland Barthes e que dá título à exposição. Trata-se de pedaços, punhados, poeiras de uma vida, “um pouco como as cinzas que se lançam ao vento depois da morte, e que trazem não mais do que clarões de lembrança e erosão da vida passada”.<sup>4</sup> A provocação barthesiana se dá, é claro, à noção de biografia, gênero textual em que a vida de uma pessoa – geralmente uma personalidade – é contada pelo viés de uma outra. Contudo, para que a biografia atinja o desejado “status de verdade”, é necessário o apagamento daquela ou daquele que a escreveu. Curioso o fato da suposta verdade de uma vida ser paga com a eliminação daquele ou daquela que a esta se debruçou, um crime no qual os vestígios e impressões digitais não são nada bem-vindos. No que diz respeito ao conceito de biografema, a substituição de “grafia” por “grafema” é mais do que um preciosismo estético. Sendo a menor unidade distintiva de um sistema de escrita, o grafema pode representar um fonema (em um sistema fonético) ou uma sílaba (em um sistema silábico). De modo poético, diríamos que o grafema é sopro de vida que anima a palavra, uma ponte entre a rigidez da letra e a fluidez da fala.

Mas o que seria, portanto, um grafema de vida? Por certo, não se trata da vida percebida desde sua totalidade, comprometida com a ordem das coisas (cronologia) e a verdade do fato (validação empírica). Arrisco-me a dizer que talvez seja justamente o contrário, de uma vida mirada pelo viés do traço, de uma totalidade que só é possível acessar quando se aposta na força disruptiva do detalhe. Embora esteja presente no bojo de uma vida, o detalhe é uma apreensão perceptiva fugaz, uma franja de verdade mal aparada fazendo saltar o necessário. E o necessário é aquilo que dá

3 CAMPOS, H. Galáxias. São Paulo: Editora 34, 2011.

4 BARTHES, R. Sade, Fourier, Loyola. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

liga, que faz com que os sujeitos não sejam apenas observadores, mas agentes ativos na coprodução de uma imagem. De acordo com Marcia Tiburi e Fernando Chuí, o detalhe não é o elemento mínimo, mas a parte complexa que contribui para renovar o todo sem a pretensão de revelar seu mistério.<sup>5</sup> Em se tratando do biografema, tão importante quanto aquele que registra uma vida (seja este um artista ou escritor) é aquele que se coloca a ler, ver e escutar esta mesma vida, notando-a desde a perspectiva do detalhe.

As fotografias, instalações e vídeos que fazem parte da exposição **Biografemas** testemunham a força biografemática do encontro com um punhado de vidas, convocando-nos a sustentar certo zelo do olhar. São grafemas sensíveis de memórias vividas e inventadas – oferecidos sob o prisma da generosidade –, para que nós, sortudos e sortudas que somos, tenhamos a chance de recebê-los e de, quem sabe, dispersá-los.

5 TIBURI, M.; CHUÍ, F. *Diálogo/desenho*. São Paulo: Editora Senac, 2010.



Luciano Bedin da Costa é psicólogo e docente na Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Coordena o grupo de pesquisa Políticas do Texto, sendo autor e organizador de obras que lidam com a temática da escrita, dentre estas: Estratégias Biográficas: biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche, Henry Miller (2011), Ainda escrever: 58 combates para uma política do Texto (2017) e Ainda ler: 58 combates para uma política da leitura viva (2024). É um dos editores da coleção Nota Azul e de O Onírico: o primeiro jornal oniropolítico do Brasil.

